



ISSN: 2230-9926

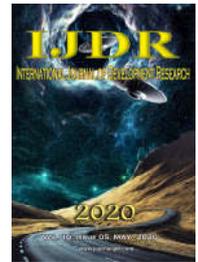
Available online at <http://www.journalijdr.com>

# IJDR

International Journal of Development Research

Vol. 10, Issue, 05, pp. 35914-35918, May, 2020

<https://doi.org/10.37118/ijdr.18777.05.2020>



RESEARCH ARTICLE

OPEN ACCESS

## SIGNIFICAÇÕES DA SEXUALIDADE PARA ADOLESCENTES COM SÍNDROME DE DOWN

**\*<sup>1</sup>Manuelle de Araújo Holanda, <sup>1</sup>Anna Carolina Silva Cavalcanti, <sup>1</sup>Monique Maria de Souza Baltar, <sup>1</sup>Hiuryellen da Silva Xavier, <sup>1</sup>Ana Carolina Pereira Gomes, <sup>2</sup>Hítalo Carlos Rodrigues de Almeida, <sup>3</sup>Lygia Maria Pereira da Silva, <sup>4</sup>Monica Vilela Heimer and <sup>4</sup>Sandra Conceição Maria Vieira**

<sup>1</sup>Mestrado em Hebiatria, Universidade de Pernambuco – UPE; <sup>2</sup>Doutorando em EstomatoPatologia, Universidade de Pernambuco – UPE; <sup>3</sup> Integrante do Programa de Pós-graduação em Hebiatria; <sup>4</sup>Doutora em Odontopediatria pela Universidade de Pernambuco – UPE e Integrantes do Programa de Pós Graduação em Hebiatria

### ARTICLE INFO

#### Article History:

Received 04<sup>th</sup> February, 2020

Received in revised form

17<sup>th</sup> March, 2020

Accepted 10<sup>th</sup> April, 2020

Published online 30<sup>th</sup> May, 2020

#### Key Words:

Sexuality; Youth;  
Down syndrome; Perception.

**\*Corresponding author: Manuelle de Araújo Holanda,**

### ABSTRACT

The sexuality of young people with Down syndrome is still seen with discrimination, prejudice, stigma and fear. This study aimed to identify the meanings attributed by adolescents with Down syndrome to their own sexuality. The sample consisted of 15 adolescents with Down syndrome in the age group 15-24. Data collection was based on semi-structured interviews in five non-governmental organizations, in the city of Recife, Pernambuco. The results indicated that the participants were satisfied with their body image, without any kind of restriction or inhibition. For these participants dating is synonymous with a committed relationship, at the same time as the sexuality was seen as manifestations of intimacy, body touches and dialogue. In a general context, adolescents with Down syndrome expressed their sexuality in the same way as most adolescents without Down syndrome.

Copyright © 2020, Manuelle de Araújo Holanda et al. This is an open access article distributed under the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Citation: Manuelle de Araújo Holanda, Anna Carolina Silva Cavalcanti, Monique Maria de Souza Baltar, Hiuryellen da Silva Xavier et al. "Significações da sexualidade para adolescentes com síndrome de down", *International Journal of Development Research*, 10, (05), 35914-35918.

## INTRODUCTION

A maioria das pessoas está habituada a imaginar a sexualidade como um sinônimo de genitalidade, isto é, como uma realidade que envolve apenas os órgãos genitais ou como uma simples expressão física, como o ato sexual<sup>1</sup>. A sexualidade não se reduz aos impulsos e desejos sexuais de cada indivíduo, mas compreende os sujeitos em seus aspectos biológicos, psicológicos, sexuais e emocionais<sup>1</sup>. A sexualidade constitui um alicerce básico do desenvolvimento humano, trata-se do cerne de todo o processo de desenvolvimento como pessoa, da formação de sua identidade<sup>2</sup>. É uma construção social e histórica, por isso ganha contornos diferenciados em diferentes espaços e tempos, de acordo com suas especificidades, como na síndrome de Down<sup>3</sup>. Esta possui personagens, narrativas, cenários e poética própria, configurando um valioso campo de saber, a partir do qual é possível identificar práticas, desejos e comportamentos sexuais<sup>3</sup>.

Ainda é bastante arraigado, entre familiares, profissionais e educadores, o mito de que a sexualidade dos jovens com SD é, por natureza, intrinsecamente problemática e até patológica<sup>2</sup>. No entanto, o desenvolvimento da sexualidade na pessoa com deficiência não se distingue qualitativamente das ditas "normais", observando-se as mesmas necessidades, emoções e experiências<sup>4</sup>. O déficit de informação acerca da temática pode conduzir os jovens com SD a comportamentos de vulnerabilidade e suscetibilidade, decorrentes da falta de orientação<sup>5</sup>. Estes comportamentos podem traduzir-se pela vontade de gerir as suas manifestações sexuais, além de afetar a tomada de decisão, potencializar uma baixa autoestima e ter necessidade de afirmação perante os pares<sup>6</sup>. Diante do exposto, conhecer e esclarecer os mitos e ideias errôneas sobre a sexualidade dos jovens com síndrome de Down é uma tarefa importante, pois essas crenças podem afetar a todos, já que baseados nelas se incentivam as relações de discriminação que ocorrem nesta população.

Neste contexto, esse trabalho objetivou identificar as significações atribuídas por jovens com síndrome de Down à sua própria individualidade afetivo-sexual.

## METODOLOGIA

**Participantes:** Os critérios de seleção da amostra foram jovens de ambos os sexos, com síndrome de Down, que apresentaram déficit cognitivo leve ou moderado, para melhor compreensão da entrevista. A amostra foi composta por 15 jovens com síndrome de Down que estavam na faixa etária de 15 a 24 anos de idade no momento da entrevista, sendo 9 do sexo masculino e 6 do sexo feminino. Esta foi selecionada por conveniência, na qual a pesquisadora por meio do diagnóstico inicial realizado pelos profissionais das instituições que trabalhavam com estes jovens identificou previamente os sujeitos da pesquisa e selecionou aqueles que mais poderiam compreender as necessidades de informações do estudo, sendo o tamanho da amostra definida por saturação de dados.

**Instrumentos:** Para traçar o perfil social e demográfico da população estudada, foram levantadas informações referentes à idade, gênero, escolaridade, com quem reside e renda familiar, que foram colhidas com os pais ou responsáveis pelos jovens, no momento da entrevista. Para obtenção dos discursos dos jovens a pesquisadora elaborou um roteiro de entrevista semiestruturada. As entrevistas foram gravadas e em seguida transcritas na íntegra para a análise dos dados colhidos.

**Coleta de dados:** O estudo foi do tipo qualitativo, com abordagem fenomenológica. A fenomenologia propõe descrever o fenômeno, e não explicá-lo ou buscar relações causais. Volta-se para as coisas mesmas como elas se manifestam, para compreender os significados das experiências vividas (Gomes, 2011). A coleta foi realizada nos meses de julho e agosto/2018, em três instituições não governamentais, que trabalhavam com jovens com síndrome de Down na cidade do Recife-PE, Brasil.

**Análise dos dados:** Os participantes receberam nomes fictícios de pedras preciosas com o intuito de manter o anonimato. A leitura do transcrito foi realizada por várias vezes, procurando identificar conexões de sentido que compusessem os significados próprios da vivência que estava sendo investigada. A partir dessas leituras, identificou-se os temas centrais que emergiram e que se relacionavam com os objetivos do estudo. Em seguida, foi realizada categorização dos dados, em que cada tema recebeu uma nomeação, sendo agrupados os transcritos de cada tema. A última etapa foi composta pela interpretação dos dados, em que se voltaram aos marcos teóricos, pertinentes à investigação e eles forneceram embasamento e as perspectivas significativas para o estudo. Em todas as etapas descritas acima, a *époche* foi praticada, ou seja, as análises e interpretações foram feitas com a suspensão temporária dos valores e crenças da pesquisadora. Este estudo seguiu os aspectos éticos legais, com assinatura do termo de assentimento pelos jovens e termo de consentimento livre e esclarecido pelos responsáveis. Foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Pernambuco-UPE com CAAE: 52305515.2.0000.5207.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados serão apresentados a partir da análise das entrevistas transcritas, que possibilitaram identificar categorias

referentes às percepções dos jovens com síndrome de Down acerca da sua sexualidade, seguido de fragmentos dos relatos dos participantes.

**Categoria: percepções dos jovens com síndrome de Down acerca da sua sexualidade:** Esta categoria nos permite conhecer as percepções e vivência acerca da sexualidade dos jovens com síndrome de Down. Dentro dessa perspectiva, surgiram cinco subcategorias: percepção do corpo, significações sobre o namoro, significações do ato sexual e dialogando sobre sexo.

**Percepção do corpo:** Nesta categoria os participantes foram questionados se gostavam do seu corpo e qual parte preferiam. Cada pessoa enxerga seu corpo de maneira singular, a partir de sua cultura, aprendizado, experiências de vida, limitações, não sendo diferente para os jovens com síndrome de Down. No seu processo de desenvolvimento e construção da sexualidade os jovens buscam conhecer seu corpo, mas nem sempre estão satisfeitos com a sua imagem. No entanto, os jovens deste estudo mostraram-se satisfeitos com sua imagem corporal, demonstrando que têm consciência das partes do seu corpo e têm preferências por partes específicas, como mostram os depoimentos a seguir.

*"Gosto do meu corpo porque eu nasci assim... porque meu rosto chama atenção".* (Morion, 19 anos, masculino, ensino médio)

*"Meu corpo é bonito... Gosto mais do meu peito, porque o coração é bonito e em homenagem a minha mãe".* (Jaspe, 17 anos, masculino, ensino fundamental)

*"Eu sou belo... Gosto do meu pescoço".* (Quartzo, 15 anos, masculino, ensino fundamental)

*"Meu corpo é pele... Gosto da minha perna, porque ando muito".* (Berilo, 17 anos, masculino, ensino fundamental)

*"Porque posso mexer ossos, braços, pés... gosto da barriga, porque ela é sequinha".* (Ônix, 16 anos, masculino, ensino fundamental)

O corpo é entendido, então, como vetor semântico que evidencia a relação do sujeito/ator com o mundo, tornando compreensível a ideia de que a existência humana, antes de qualquer coisa, é corporal<sup>10</sup> (Le breton, 2007). Sendo referencial através do qual os seres humanos se comunicam e se expressam, onde a motricidade humana mostra que o reconhecimento do próprio corpo e a sua diferenciação com os objetos no ambiente, influencia na determinação do comportamento das pessoas<sup>11</sup>. Satisfação corporal e autopercepção são primordiais na autoaceitação das pessoas e podem gerar atitudes que interferem na vivência da sua sexualidade<sup>12</sup>. Os padrões de beleza estabelecidos pela sociedade têm um efeito sobre a percepção corporal das pessoas com deficiência. Estas muitas vezes têm dificuldades em desenvolver uma imagem saudável de seus corpos, especialmente em comparação com os seus pares sem deficiência<sup>9</sup>. No entanto, isto não foi encenado pelos jovens do presente estudo, sendo observado elevada autoestima em todos os entrevistados, uma vez que, todos afirmaram considerarem-se bonitos. As pessoas com deficiência podem desenvolver uma autoestima positiva se a mediação social, os vínculos afetivos familiares e sociais forem estabelecidos prioritariamente através de sentimentos de amor, afeto e

aceitação. Uma identidade sexual e corporal adequada passa pela capacidade do indivíduo aceitar a sua condição, para que tal aconteça é necessário que este se sinta aceito pela sociedade através das várias formas de relações que são proporcionadas ao mesmo<sup>8</sup>. Duas jovens demonstraram-se preocupadas com os cabelos e com o corpo, durante toda a entrevista, ao alisar seus cabelos e massagear o corpo com as mãos. Interpretou-se estas atitudes como características de vaidade, presente nos jovens em geral, como mostram os depoimentos a seguir:

*“Eu gosto do meu corpo, ele é tão macio, é tão bonito... a parte do meu corpo que eu mais gosto é pra gente andar... fazer movimentos... Quando eu olho no espelho, eu fico mexendo e olhando meu corpo, porque eu gosto muito de olhar”*. (Esmeralda, 24 anos, feminino, ensino médio)

*“Ele é macio, sensível... Meu cabelo, porque não deixo ninguém mexer... só quem penteia meu cabelo sou eu... gosto também das minhas unhas”*. (Pérola, 23 anos, feminino, ensino médio)

Para muitas pessoas a deficiência se sobrepõe à questão sexual, como se o corpo deficiente aparecesse antes do corpo sexual e inviabilizasse a satisfação da própria sexualidade. Os traços corporais da pessoa com síndrome de Down podem representar um estigma, a ponto de prejudicar a imagem que o indivíduo tem de seu próprio corpo, mas se trabalhada essa crença de que o modelo estético é apenas uma imposição de padrões sociais, esse pode não ter impacto negativo na vida dos jovens com síndrome de Down.

### Significações sobre o namoro

Os jovens foram indagados sobre o significado do namoro para eles. E na opinião dos mesmos, trata-se de um relacionamento sério, no estabelecimento de um compromisso amoroso, como mostram os relatos a seguir.

*“Namorar é amor”*. (Olivin, 22 anos, masculino, ensino fundamental)

*“Namorar é beijar”*. (Jaspe, 17 anos, masculino, ensino fundamental)

*“Namorar é paixão”*. (Topázio, 22 anos, masculino, ensino médio)

*“É pegar na mão, passear, conversar, ficar juntos”*. (Turquesa, 19 anos, feminino, ensino fundamental)

*“Namorar é ficar agarrado e dar beijo na boca”*. (Ametista, 24 anos, feminino, ensino fundamental)

*“São duas pessoas que gostam de sair e beijam na boca”*. (Morion, 19 anos, masculino, ensino médio)

*“Namorar é coisa de cupido, é sair, jantar fora, é puxar a cadeira pra dama, é beijar”*. (Ônix, 16 anos, masculino, ensino fundamental)

*“Dar carinho um ao outro, beijar, amizade”*. (Rubi, 24 anos, feminino, ensino fundamental)

O enamoramento constitui o estado nascente de um movimento coletivo a dois, ou seja, é um processo que

acontece entre duas pessoas, no qual se envolve um projeto e a união do que se encontrava separado<sup>1</sup>. É a fusão de pessoas diferentes na busca pela superação da diversidade. Ou seja, é preciso abrir-se a uma existência diferente que não fornece garantias para se realizar.

O namoro relatado pelos jovens consiste desde compartilhar todos os momentos juntos até a possibilidade de um futuro com o outro, no qual o carinho, respeito e confiança estão presentes<sup>13</sup>. Segundo Straus (2004)<sup>14</sup>, as normas sociais que regem a situação de namoro e comportamento de namoro estão de acordo com muitas dimensões, incluindo diferenças individuais, raciais/étnicas, socioeconômicas, marcos históricos e contextos culturais, como mostrado nos diálogos a seguir:

*“Namorar é algo prazeroso. A pessoa precisa se comportar... ajudar um ao outro”*. (Esfênio, 18 anos, masculino, ensino superior)

*“É pegar na mão, beijinho, tem que ter comportamento certo”*. (Jade, 17 anos, feminino, ensino médio)

*“Saber amar, respeitar as pessoas, não paquerar outras pessoas”*. (Pérola, 23 anos, feminino, ensino médio)

A tendência de evolução das relações que os jovens estabelecem uns com os outros até chegarem às relações de namoro é gradual. Inicialmente, os jovens começam por ter encontros casuais, relações que se tornam um pouco formais e públicas, passam por uma fase de relações abertas, que por norma dão lugar a relações mais intensas, e acabam por chegar a uma fase em que estabelecem uma relação de um para um<sup>15</sup>. O desejo de namorar, independentemente de se ter ou não uma deficiência, existe e se manifesta em todo ser humano. O erotismo, o desejo, a construção de gênero, os sentimentos de amor, as relações afetivas e sexuais, são expressões potencialmente existentes em toda pessoa, também naqueles que têm deficiências, como os jovens com síndrome de Down<sup>16</sup>.

**Significações do ato sexual:** Nesta categoria apresentamos a percepção dos jovens com síndrome de Down no que se refere ao ato sexual, enquanto um dos componentes da sexualidade humana. Os participantes apresentaram ideias convergentes no sentido de perceber a sexualidade como uma manifestação que envolve intimidade e toques corporais, como revelam as falas a seguir:

*“Sexo é namorar, beijar, se alisar, dormir com a esposa na cama”*. (Ônix, 16 anos, masculino, ensino fundamental)

*“É encostar um no outro e beijar”*. (Rubi, 24 anos, feminino, ensino fundamental)

A partir das contribuições discursivas expressas nota-se os quão esclarecidos os participantes estão no que concerne ao ato sexual, revelando que ter a síndrome de Down não é fator inibidor de vivenciar a sexualidade.

Esses depoimentos contribuem para desarticular a deserotização das pessoas com deficiência, que segundo Siebers (2012)<sup>17</sup> acaba por restringir ou negar o acesso de pessoas com deficiências às práticas eróticas, experiências sexuais e relacionamentos amorosos. Assevera-se que a

repressão sexual exercida na vida das pessoas com deficiência tornou-se um dos grandes fatores para o desajuste social, afetivo e psicológico dos mesmos<sup>18</sup>. O estigma que os jovens com síndrome de Down são seres assexuados, não passa de uma idealização equivocada, cuja origem, dentre outros fatores, residiria nos processos de infantilização e no elevado protecionismo que recaem sobre os mesmos, a maioria pode não vivenciar a sexualidade, mas ela está intrínseca, como parte do seu ser.

Infantilização e isolamento social, na tônica das experiências sexuais para este segmento da população, impedem-os de terem uma vida amorosa e sexual. A proteção excessiva dos pais acaba se transformando em práticas de cerceamento das experiências, limitando suas possibilidades de desenvolvimento e, nesse caso, inferindo negativamente na dimensão sexual e afetiva<sup>19</sup>. O protecionismo leva os jovens a não vivenciarem sua sexualidade, bem como serem privados de informações sobre a temática, ou obterem informações limitadas<sup>20</sup>. Como denotam os depoimentos abaixo, em que os participantes informaram o desconhecimento do tema ou a televisão como sua única fonte de informação.

*“Sei não, mas tenho que pesquisar”*. (Esfênio, 18 anos, masculino, ensino superior)

*“Só vi na tv”*. (Jade, 17 anos, feminino, ensino médio)

*“Já vi na tv”*. (Citrino, 21 anos, masculino, ensino fundamental)

A privação de vivência da sexualidade, restrição de experiências e à falta de acesso ao conhecimento, instala um quadro de dificuldades na relação consigo mesmo e com os outros, sendo necessário mais do que um simples itinerário de ensinamentos e aprendizagens efetivadas na educação sexual<sup>21</sup>. Demonstrações de ternura, simpatia e atração exprimem amor e afeto e revelam a natureza do indivíduo como ser sexuado<sup>22</sup>. A sexualidade refere-se aos sentimentos, atitudes e percepções relacionadas à vida sexual e afetiva das pessoas; implica a expressão de valores, emoções, afeto, gênero e também práticas sexuais. Neste contexto, só é possível compreender o desenvolvimento das pessoas e a construção da sua sexualidade individual tomando-se por base a construção da sexualidade ampla, que culmina no modo como percebe-se, julga-se e orienta-se na vivência e desenvolvimento das práticas sexuais das pessoas<sup>8</sup>. A abordagem sobre sexualidade é uma importante forma de prevenção de problemas ligados à saúde sexual e reprodutiva dos jovens<sup>19</sup>. Neste contexto, aproximar-se da temática pode contribuir de forma positiva para os jovens com síndrome de Down em vários aspectos, como uma aceitação positiva do corpo sexuado, a construção da identidade sexual e uma atitude não discriminatória face às diferentes expressões e orientações sexuais<sup>25</sup>. Quando a sexualidade é discutida de forma aberta e rotineira, as conversas tornam-se mais fáceis de iniciar, mais confortáveis de continuar e são mais eficazes e informativas para todos os participantes.

*“Não quero conversar, porque eu sou Down”*. (Morion, 19 anos, masculino, ensino médio)

*“É um assunto muito particular, só quando eu ficar velho”*. (Esfênio, 18 anos, masculino, ensino superior)

*“Talvez eu conversasse sobre o assunto, porque é vergonhoso”*. (Topázio, 22 anos, masculino, ensino médio)

*“Eu queria que falassem, não assim de cara... porque é muito, não sei explicar... ficaria com vergonha de conversar”*. (Rubi, 24 anos, feminino, ensino fundamental)

Os depoimentos acima parecem estar carregados de tabus com relação à sexualidade, sendo expressa como algo fechado, vergonhoso, que precisa ser desvelado segundo algumas leis e regras da sociedade, nas quais os jovens com síndrome de Down, não poderiam ter acesso às informações sobre o tema. Esse enquadre dado à sexualidade, demonstrado pelos participantes sugere a implementação do diálogo sobre a temática no contexto familiar, diferentemente do que alguns pais possam ter experienciado em sua juventude. Conforme o grau de comprometimento mental pode existir no desenvolvimento sexual dos jovens com síndrome de Down, diferenças das capacidades cognitivas e adaptativas. Eles possuem como consequência disso, maior dificuldade para compreender as formas de manifestações dos comportamentos sexuais<sup>2</sup>.

Estas particularidades apontam para a necessidade do jovem com síndrome de Down ser ouvido e receber orientações, pois nada que um diálogo e um manejo mediado não resolvam. Isto pode levá-lo a aprendizagem da conduta que o meio pessoal e social requer dele e então, obtenha conduta compatível às exigências sociais<sup>21</sup>. Esse aprendizado pode ser mediado, através de expressões artísticas, dança expressiva, teatro, fotos, figuras, dentre outros recursos que podem ajudar na construção de seus pensamentos sobre sua sexualidade e identidade sexual, portanto ajudá-los a serem protagonistas de sua própria história<sup>11</sup>. Uma das limitações da pesquisa foi a disartria que a maioria dos jovens possuíam, alguns em um grau mais elevado de dificuldade fonética para comunicação verbal. No entanto, durante as várias etapas do estudo, a pesquisadora adentrou nesse universo que foi se desvelando por um maior número de contato com esses jovens e seus relatos. O estudo exploratório e a pesquisa de campo proporcionaram através de filmes e peças de teatro a maior compreensão. Os entrevistados apresentaram discurso reduzido, uma característica das pessoas com síndrome de Down, e mais especificamente dos jovens, no entanto o tema abordado também pode ter influenciado a produção da fala dos participantes, como influenciaria a qualquer segmento de população jovem. Apesar das dificuldades enfrentadas e relatadas, neste estudo foi dada a real oportunidade a esses jovens de expressarem seus desejos e fazerem sua fala ser ouvida sem que houvesse comprometimento da qualidade dos dados coletados.

### Considerações finais

O presente estudo se propôs a compreender as percepções da sexualidade a partir da perspectiva dos jovens com síndrome de Down. Ao relatarem as manifestações da sexualidade, como namoro, o corpo e o ato sexual, os jovens com SD expressaram aceitação corporal, que o namoro é considerado um relacionamento amoroso, o ato sexual envolve intimidade e toques corporais e que gostariam de aprender sobre sexualidade. No entanto, o estudo revelou que a percepção da sexualidade para os jovens com síndrome de Down é redimensionada a partir da perspectiva do que a sociedade vos

demonstra ser sexualidade. O estudo também oportunizou ao pesquisador o descortinar de ideias pré-estabelecidas, de que jovens com Síndrome de Down são eternas crianças, consideradas seres assexuados, que não podem vivenciar suas emoções sexuais e afetivas. Ademais, a pesquisa demonstrou que as percepções sobre a sexualidade são peculiares de cada jovem e que estes têm direito a afetividade, namoro, casamento, como qualquer outro jovem, com esclarecimentos e responsabilidade. Dessa forma, contribuindo para enriquecer sua existência como ser sexuado, de acordo com a competência de cada um.

## REFERÊNCIAS

- Adiorante, JB. Sexualidade en el Síndrome de down: Incidencia de las Actitudes del Entorno en el Comportamiento Sexual. (2014) Tesis de grado. Facultad de Psicología y Relaciones Humanas.
- Paula, AR., Sodelli, F. G., Faria, G., Gil, M. R. M, & Meresman, S. (2010) Pessoas com deficiência: Pesquisa sobre a sexualidade e vulnerabilidade. Temas sobre Desenvolvimento. 17(98):51-65.
- Albino, GC, Vitalle, M. S.S., Schussel, E. Y., & Batista, N. A. (2005). A sexualidade pelo olhar das jovens: contribuições para a prática do médico de adolescentes. *Rev Paul Pediatr*, 23(3):124-9 (2005).
- Franco, J. R. (2012). Sexualidade nas NEE – Trissomia 21: Perspectivas dos docentes do ensino regular do 1º, 2º e 3º ciclo. Dissertação de Mestrado. Escola Superior de Educação Almeida Garret, Lisboa.
- Saxe, A., & Flanagan, T. (2016). Unprepared: An Appeal for Sex Education Training for Support Workers of Adults with Developmental Disabilities. *Sex Disabil*.
- Thompson, Vanessa R., Roger J. Stancliffe, Nathan J. Wilson., & Alex Broom. (2016). The Content, Usefulness and Usability of Sexual Knowledge Assessment Tools for People with Intellectual Disability *Sex Disabil*.
- Jahoda A. & J. Pownall. (2014) Sexual understanding, sources of information and social networks; the reports of young people with intellectual disabilities and their non-disabled peers. *Journal of Intellectual Disability Research*. volume 58 part 5 pp 430–441 may.
- Maia, A. C. B.; & Ribeiro, P. R. M. (2010). Desfazendo Mitos sobre a Sexualidade e Deficiências. *Rev. Bras. Ed. Esp.*, Marília, v.16, n.2, p.159- 176.
- Wienholz, S., Seidel, A., Michel, M. (2016). Monika Haeussler-Sczapan. Steffi G. Riedel-Heller. Sexual Experiences of Adolescents With and Without Disabilities: Results from a Cross-Sectional Study. *Sexuality and Disability*, Volume 34, Issue 2, pp 171–182.
- Le Breton D. A sociologia do corpo. Trad. Sônia M. S. F. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- Santos, ELS & Cavalari N. (2010) Psicomotricidade e Educação Infantil. Caderno Multidisciplinar de Pós – Graduação da UCP, Pitanga, v. 1, n. 3, p. 149 – 163.
- McCabe, M. P., Ricciardelli, L. A. (2004). Body image dissatisfaction among males across the lifespan: a review of past literature. *J Psychosom Res*; 56(6):675-85.
- Nogueira, N. S., & Zocca, A. R. (2014). Relacionamento amoroso: experiências afetivosexuais dos jovens na atualidade. *Revista uniara*, v.17, n.1.
- Straus, M. A. (2004). Prevalence of violence against dating partners by male and female university students worldwide. *Violence Against Women*, 10, 790–811.
- Ayers, J., & Davies, S. (2011). Adolescent dating and intimate relationship violence: Issues and implications for school psychologists. *School Psychology Forum: Research in Practice*, 5(1), 1-12.
- Schwier, K. M., & Hingsburger, D. (2007). *Sexuality: Your sons and daughters with intellectual disabilities* (3rd ed.). Baltimore, MD: Paul H. Brookes Publishing.
- Siebers TA. (2012). Sexual culture for disabled people. In: MCRUER, R.; MOLLOW, A. (Orgs.) *Sex and Disability*. London: Duke University Press, 2012. p. 37-53.
- Denari, F. E. (2010). Adolescência, afetividade, sexualidade e deficiência intelectual: o direito ao ser/estar. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, v. 5, n. 1.
- Littig, P. M. C. B., Cárdia, D. R., Reis, L. B., Ferrão, E. S. (2012) Sexualidade na Deficiência Intelectual: uma Análise das Percepções de Mães de Adolescentes Especiais. *Rev.Bras. Ed. Esp.*, Marília, v. 18, n. 3, p. 469-486.
- Albuquerque, P. P. (2011) Sexualidade e deficiência intelectual: Um curso de capacitação para pais. *Psicol. Argum. Curitiba*, 29(64),109-119.
- Santos MWB & Osório ACN (2010) Saber e prática na constituição da sexualidade da pessoa com deficiência mental. *Rev. Educ. Espec.*, Santa Maria, v. 23, n. 36, p. 117-130, jan./abr.
- Moreira, LMA & Gusmão FAF (2002) Aspectos genéticos e sociais da sexualidade em pessoas com síndrome de Down. *Rev Bras Psiquiatr*;24(2):94-9.
- Schaafsma, D., kok G., Joke, M. T. S., Doorn, P. V., Leopold, M. G., Curfs. Identifying the important factors associated with teaching sex education to people with intellectual disability: A cross-sectional survey among paid care staff. *Journal of Intellectual & Developmental Disability*, 2014 Vol. 39, No. 2, 157–166.
- Murphy, N. A., & Elias, E. R. (2006). Sexuality of Children and Adolescents With Developmental Disabilities. *American Academy of Pediatrics*, pp. 398-402.
- Lofgren-Martenson, L. (2004). “May I?” About Sexuality and Love in the New Generation with Intellectual Disabilities. *Sexuality and Disability*, 22, 197-207.

\*\*\*\*\*